

A questão indígena e as opiniões infundadas de um cientista

Há dias a revista "Veja" (edição 1.166, ano 24, nº 4, de 23 de janeiro) publicou, em suas páginas amarelas, entrevista com o "médico e cientista" Isaias Raw, na qual esse senhor emite opiniões a respeito de assuntos muito distantes de sua especialidade científica (bioquímica) e onde fica patenteada uma atitude etnocêntrica, imprudente e perigosa contra os índios brasileiros. Como membro da Comissão de Assuntos Indígenas da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), sugeri manifestação da mesma a respeito, através de carta à revista, mas considerando o pequeno espaço que "Veja" costuma dedicar às cartas de seus leitores (resumindo-as, com frequência) e a importância do tema, aproveitei o espaço deste jornal para divulgar amplamente, em âmbito local, minhas posições a respeito de tal entrevista.

O sr. Isaias Raw, falando sobre ecologia e expansão populacional no Brasil, afirma: "A grande questão da ecologia é a expansão demográfica. Há gente demais no mundo. Enquanto a população humana continuar a se expandir, essa é a maior ameaça ecológica". Trata-se, evidentemente, de opinião onde não está ausente uma postura neo-malthusiana da qual discordo totalmente, mas que, sem o complemento a seguir, não mereceria, talvez, um reparo enfático.

O problema maior começa quando o sr. Isaias Raw resolve referir-se não somente aos ecólogos, mas também aos índios: "Enquanto os ecologistas continuarem preocupados com as queimadas e a preservação dos índios, não chegarão ao centro da questão". E, diante da pergunta do entrevistador sobre se não considerava louvável a preservação da cultura indígena, ele passa a recitar, com entusiasmo, todo

o seu preconceito e falta de conhecimento de uma questão a respeito da qual faria melhor se permanecesse calado. Responde, a princípio, que é importante preservar a cultura indígena, mas "os índios, não".

Ao ler essas palavras, cheguei a pensar que se tratava de opinião genocida, como outrora a de outro infeliz cientista natural, Von Inhering, então diretor do Museu Paulista, que aconselhava a destruição dos índios Kaingang, os quais, segundo ele, estavam atrapalhando o "progresso" brasileiro. Mas logo percebi, aliviado, que parece não ser assim, pois o sr. Isaias Raw está provavelmente apenas continuando sua crítica aos ecólogos, estendendo-a porém a um plural pouco esclarecedor, no qual ele mesmo possivelmente se inclui: "O que nós estamos fazendo com o índio é o mesmo que manter um animal no jardim zoológico. Quando o índio tem malária, nós vamos tratar a malária dele. Quando ele tem tuberculose, damos vacina BCG para ele. Mas não se dá a ele uma televisão ou uma passagem para vir para a cidade, porque se considera que isso é perturbar sua cultura. Nós estamos confinando o índio em sua aldeia como se fosse um bicho no zoológico. Estamos dizendo: o ser humano, em seus primórdios, era assim, bonito. Então vamos manter vivo o exemplar no zoológico".

De fato é difícil saber, lendo essas palavras, quem faz os índios serem tratados como "animais de zoológico", segundo a opinião do sr. Raw, mas certamente não são os antropólogos. Claro que os antropólogos estão preocupados com a saúde dos índios e, com a ajuda de pessoal médico competente e humanitário, têm procurado, sempre que possível, oferecer assistência aos índios e aos grupos indígenas amea-

Raymundo Herald Maués

çados ou atingidos por doenças e outros males, como, por exemplo, as opiniões desastradas e perigosas a seu respeito.

Mas o sr. Raw certamente desconhece que hoje muitos índios brasileiros assistem televisão (são às vezes até entrevistados por repórteres de TV), vêm regularmente à cidade, são parlamentares e às vezes dão conferência nas Universidades, no Brasil e fora dele, sem que no entanto deixem de ser índios. Assim como desconhece taracismo, cometendo por isso um imperdoável aracronismo, que os índios atuais não podem ser pensados como representantes "vivos" do ser humano "em seus primórdios". Os índios pertencem a sociedades e culturas contemporâneas, que se produzem, reproduzem e interagem com outras culturas e sociedades e, por isso, apresentam identidade e características próprias, evoluem, se modernizam, se transformam, mas, eventualmente, no caso de muitos grupos, se forem expostos a contatos deletérios, podem rapidamente ficar ameaçados e até serem extintos.

Talvez por desconhecer isso é que o sr. Isaias Raw faz as seguintes afirmações: "Se ele (o índio) for convidado a decidir seu destino, não leva nem cinco minutos. Entre a vacina de malária e a televisão, ele fica com a televisão. Com os atrativos da sociedade ocidental, os índios tendem a desaparecer mesmo. E o primitivo diante da civilização". Na verdade o dilema que o sr. Raw coloca para o índio é muito cruel,

pois o manda escolher entre a vacina que previne a doença e o brinquedo eletrônico: se, escolhendo a televisão, o índio morrer de malária, talvez melhor? Menos um ser humano para contribuir para a desordem ecológica?

Não tenho porém o direito de acusar o sr. Raw de pregar o genocídio, mas o que ele propõe candidamente, como um novo discípulo do sr. Pangloss, é, certamente, para usar suas próprias palavras, "uma condenação infernal para os índios". Pois a "civilização" com que acena para eles não é, em absoluto, o "melhor dos mundos" que julga ser. Entrando nela da maneira "cândida" como propõe o sr. Raw, os índios correm o risco não só de perder sua cultura, mas também de serem destruídos enquanto indivíduos e enquanto povo. Por outro lado, ele nem sequer suspeita que se possa ter educação, saúde, desenvolvimento, participação numa sociedade pluriétnica, etc., sem deixar de ser índio (isto é, sem deixar de ser Kaingang, Terena, Xikrin, Bororo, Gavião, Yanomami, Kamaiurá e muitos outros). Mesmo porque o termo "índio" é uma ficção criada pelos "civilizados", sendo de fato, expressão genérica e colonialista: o que existe não é o índio abstrato, mas, concretamente, povos ou nações indígenas, cada um com sua identidade e cultura próprias.

Mas as opiniões ingênuas e preconceituosas do sr. Raw chegam ao paroxismo quando, diante da insistência do entrevistador em pedir sua opinião sobre a importância da cultura indígena, ele afirma: "Chamem todos os antropólogos do mundo. E digam a eles: vocês têm três anos para documentar essa cultura. Depois, vamos deixar de explorar esses pobres primitivos. Eles tendem a se incorporar à so-

cidade civilizada e não devemos impedir que isso aconteça".

Ora, isso é o mais completo dos absurdos! A cultura indígena não é um objeto de museu que possa apenas ser registrada e, em seguida, "congelada" para todo o sempre para o desfrute das gerações vindouras. Claro que os museus se interessam, também com objetivos científicos e culturais, em registrar a cultura indígena e em manter objetos de sua cultura material em seus acervos. Isso no entanto não justifica, nem de longe, a proposta de retirar essa cultura das pessoas (os índios de carne e osso) que a possuem, criando-a, conservando-a, alterando-a, refundindo-a, de acordo com todo o dinâmico processo de criação e interação cultural, que é vivo e atuante.

Que diria o sr. Isaias Raw se alguém propusesse fazer o mesmo, sob qualquer pretexto, como no passado tentaram os nazistas, com o povo e a cultura judaicas? Claro está que devemos respeitar os judeus como grupo étnico, como cultura e como pessoas humanas, o que certamente se aplica a todos os povos do mundo, inclusive aos índios brasileiros, com suas línguas diversas, seus costumes, seus conhecimentos, sua arte, suas crenças e práticas religiosas, sua cultura, enfim, assim como com seu direito e capacidade de decidir seu próprio destino. Mas também temos o dever de rebar as opiniões infundadas, ingênuas, preconceituosas e perigosas de pessoas que, prevalecendo-se de sua condição de cientistas, expressam posições políticas errôneas, retrógradas e, pior que tudo, deletérias para com um conjunto de grupos étnicos integrantes de nossa sociedade, que têm todo o direito de existir, enquanto povos, sociedades e culturas autônomas.

159
3657
4007
41128